



A suplência perversa em sujeitos psicóticos como uma possível chave de leitura da psicopatia

Maria Josefina Medeiros Santos

Psicóloga Clínica / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Mestre em Estudos Psicanalíticos / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Doutoranda do Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo no

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Bolsista da CAPES (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: mariamedeirospsi@yahoo.com.br

Resumo

O artigo busca defender a hipótese de que muitos casos diagnosticados como psicopatias podem na verdade ser casos em que psicóticos fazem uso de arranjos estabilizadores com matizes perversos. Para tanto, recorre ao texto do psicanalista francês Jean-Claude Maleval, intitulado "Suplência perversa em um sujeito psicótico". A partir do esmiuçamento desse trabalho e do caso clínico que ele apresenta, coleta subsídios teóricos que demonstram como em algumas psicoses pode-se observar certa conivência com atos sadomasoquistas extremos, o que, não raro, leva a diagnósticos equivocados, como o de psicopatia.

Palavras-chave: psicanálise, diagnóstico, psicopatia, psicose, suplências, estabilização.

La suppléance perverse chez les patients psychotiques comme un possible axe de lecture de la psychopathie

L'article cherche à défendre l'hypothèse que de nombreux cas classés comme des psychopathies ne sont en fait que des arrangements stabilisants à nuances perverses faits par des individus psychotiques. Pour ce faire, le texte du psychanalyste français Jean-Claude Maleval intitulé "Suppléance perverse chez un sujet psychotique." De l'analyse de ce travail et du cas clinique qu'il présente, sont prélevés des éléments théoriques qui montrent comment dans certaines psychoses il est possible d'observer une certaine connivence avec des actes sadomasochistes extrêmes, ce qui conduit souvent à des erreurs de diagnostic, tels que la psychopathie.

Mots-clés: la psychanalyse, le diagnostic, la psychopathie, de psychose, suppléances, stabilisation.

The perverse replacement in psychotic individuals as a possible key for understanding psychopathy

The article aims to defend the hypothesis that many cases with psychopathic diagnoses may in fact be cases in which psychotics use stabilizing arrangements with perverse nuances. In order to do so, we resorted to an article from the French psychoanalyst Jean Claude Maleval called "Perverted replacement in a psychotic individual". From the study of that work and the clinical case that it presents, we have collected the theoretical elements that show how in some psychoses we observe a certain collusion with extreme sadomasochistic acts, which leads, frequently, to flawed diagnosis such as psychopathy.

Keywords: psychoanalysis, diagnosis, psychopathy, psychosis, replacements, stabilization.

A suplência perversa em sujeitos psicóticos como uma possível chave de leitura da psicopatia

Maria Josefina Medeiros Santos

A psicopatia, ou Transtorno de Personalidade Antissocial, tal como foi reclassificada pelo DSM e pelo CID-10, circula pelo discurso da mídia e pelo imaginário popular sem que se saiba muito sobre o seu estatuto, sua causalidade e sobre as possibilidades de tratamento. De antemão, para melhor situar o leitor, lançaremos mão da conceituação mais utilizada atualmente do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS). Para o DSM IV TR, a referida afecção tem como característica essencial "um padrão global de desrespeito e violação dos direitos alheios, que se manifesta na infância ou no começo da adolescência e continua na vida adulta" (DSM IV TR, 2000, p. 656). Ele estabelece sete critérios diagnósticos para o TPAS:

1. Incapacidade de adequar-se às normas sociais com relação a comportamentos lícitos, indicada pela execução repetida de atos que constituem motivo de detenção.
2. Propensão para enganar, indicada por mentir repetidamente, usar nomes falsos ou ludibriar os outros para obter vantagens pessoais ou prazer.
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
4. Irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.
5. Desrespeito irresponsável pela segurança própria ou alheia.
6. Irresponsabilidade consistente, indicada por um repetido fracasso em manter um comportamento laboral consistente ou de honrar obrigações financeiras.
7. Ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado alguém.

Para que um indivíduo receba o referido diagnóstico é preciso que seja evidenciado no mínimo três dos sete critérios acima, sendo indispensável que o mesmo tenha no mínimo dezoito anos, tenha existido evidências de Transtorno de Conduta com início antes dos quinze anos e que a ocorrência do comportamento antissocial não se dê exclusivamente durante o curso de Esquizofrenia com Episódio maníaco (APA, 2000, p. 556).

Feita essa conceituação psiquiátrica, podemos dizer que, embora a psicopatia esteja bastante em voga, são escassos os trabalhos em psicanálise que visam abordá-la. A psicanálise, por valorizar uma clínica na qual o sujeito é quem transmite um saber sobre o seu sofrimento, deixa de lado etiquetas diagnósticas que amiúde enquadram e silenciam o indivíduo, fato que, em certa medida, explica o porquê de seu retraimento em empreender pesquisas sobre a psicopatia. Somado a isso, a psicopatia não coincide com nenhuma das entidades nosológicas da clínica estrutural (neurose, psicose e perversão), o que torna ainda mais difícil a sua operacionalização. Ainda que a psicopatia não seja um conceito propriamente psicanalítico, o aporte teórico da psicanálise possui uma série de elementos que em muito podem auxiliar na sua elucidação, tal como foi evidenciado no segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada *Sob o véu da psicopatia...* (Santos, 2013).

Independentemente da recusa de muitos teóricos em psicanálise em problematizar a psicopatia, trabalhos mais recentes que se norteiam a partir de orientações lacanianas podem ser de grande auxílio na elucidação do problema em questão. A psicopatia pode ser compreendida como uma espécie de arranjo ou tentativa de estabilização psicótica. Esta hipótese torna-se possível a partir do trabalho de Jean-Claude Maleval (1996), cuja pesquisa caminha no sentido de evidenciar que muitos sujeitos psicóticos se valem de suplências de cunho perverso como um modo de amarração que os defendem contra uma psicose evidente.

Maleval fornece subsídios para pensarmos que muitos casos considerados “bárbaros”, “monstruosos” ou “psicopáticos” podem ser compreendidos como casos nos quais um psicótico fez uso de um arranjo perverso com matizes sádicos e masoquistas. Tal contribuição, tal como foi sistematicamente demonstrada na dissertação da autora, surge como uma preciosa chave de leitura da psicopatia, uma vez que, a partir dela, a psicopatia deixa de ser um corpo meramente sintomatológico que, não raro, vem impregnado de forte julgamento moral. Além disso, a ideia de Maleval relativa à dinâmica fantasmática nas psicoses¹ dilata sobremaneira o campo de compreensão existente a respeito da psicopatia, demonstrando que muitos casos considerados fronteiros também são, de fato, relativos a sujeitos psicóticos.

Neste artigo, serão utilizadas essencialmente as ideias de Jean Claude Maleval presentes em seu trabalho intitulado “Suplência perversa em um sujeito psicótico” (1995). Com o intuito de iniciarmos a discussão, tomemos um exemplo relativamente recente: a tragédia ocorrida em Realengo, em abril de 2011, na qual Wellington Menezes invadiu armado uma escola na cidade do Rio de Janeiro e matou doze crianças, cometendo suicídio logo após. Esse incidente engendrou uma série de discussões que buscavam, fundamentalmente, compreender que espécie de conformação psíquica seria capaz de executar um ato de tamanha violência. Como de costume, psiquiatras e psicólogos foram convidados pelas mais diversas mídias para comentar sobre o fato, comentários que, invariavelmente, tocavam na questão diagnóstica: afinal, como classificar Wellington Menezes, o autor da chacina?

Uma constelação de denominações foi trazida à tona, variedade que assinala não só um desacordo entre os profissionais, mas também um desconhecimento, um não-saber frente à irrupção de uma passagem ao ato extremamente violenta e chocante. Diagnósticos como “esquizofrenia paranoide”, “perversão”, “Transtorno de Personalidade Antissocial” e também “psicopatia” coexistiram na mesma pauta de discussão.

Ainda que não seja possível fazer qualquer tipo de diagnóstico definitivo, ainda assim, cabem aqui alguns questionamentos concernentes à questão diagnóstica. Tais indagações, por sua vez, podem ser expandidas, não se restringindo somente ao caso de Realengo, mas também a outros nos quais foram observados modos de funcionamento que sugeriram uma psicose, mas que, simultaneamente, era inegável a presença de certos traços perversos, principalmente no tocante à vertente sádica. Nesse caso, muito se falou a respeito do modo como ele escolhia a criança que iria matar, escolha que vinha acompanhada de um “riso sádico”. Somado a isso, houve também a

veiculação de vídeos nos quais o autor do crime falava sobre si e sobre as suas intenções, o que também não ficou isento de comentários que sugeriram certo exibicionismo que também seria da ordem da perversão. Embora consideremos que tais características presentes no caso de Wellington possam ser compreendidas quando interpretadas pelos subsídios teóricos da clínica das psicoses, buscamos citá-las para marcar o fato de que a psicose, por mais evidente que possa nos parecer, amiúde, é confundida com a perversão.

Existem casos bastante conhecidos e estudados nos quais se verifica uma estrutura psicótica com traços de perversão. Nesta trilha, podemos evocar dois casos bastante emblemáticos nos quais dois assassinos, Gilles de Rais² (1404-1440) e Henri-Désiré Landru³ (1869-1922) que, por mais bárbaros e cruéis que fossem seus atos, características que amiúde direcionavam os estudos sobre os mesmos rumo às veredas da perversão, exibiam, de fato, um funcionamento psicótico. Nicolas Brémaud e Francesca Biagi-Chai são psicanalistas franceses que se ocuparam em esmiuçar o caso Gilles de Rais e Landru, respectivamente, e, para além da intensidade de seus atos, para além de sua desmesura e "monstruosidade", buscaram compreender a lógica subjetiva dos criminosos em questão com o intuito de diferenciar o que é da estrutura e o que é da ordem do traço, ou de um arranjo com um colorido perverso.

O caso M.: um masoquismo atípico?

Em "Suplência perversa em um sujeito psicótico" (1995), Jean-Claude Maleval é bastante preciso ao admitir a presença de defesas perversas que permitem a sujeitos psicóticos uma estabilização. Maleval inicia a sua exposição nos dizendo que os estudos a respeito das modalidades de suplência para remendar a forclusão do Nome-do-Pai são relativamente recentes (não podemos esquecer que o artigo possui quase vinte anos). O autor aponta que essa escassez de trabalhos talvez se relacione ao fato de que a sistematização da noção de suplência se assenta em um campo teórico elaborado tardiamente por Lacan, mais precisamente em 1976, quando o mesmo escreve o seu *Seminário 23* e discorre acerca da escrita como uma forma de estabilização para o escritor irlandês James Joyce. Como mostraremos adiante, a noção referente à suplência aparece na obra lacaniana já na década de cinquenta, contudo, ela ganha um contorno mais claro na década de setenta, contexto ao qual Maleval se refere.

Maleval nos apresenta, bem no início do texto, a existência de certa inclinação de indivíduos psicóticos a praticarem atos perversos, revelando-nos que o próprio Joyce apresentava tendências perversas em sua vida sexual. O psicanalista nos diz que Joyce demonstrava um fetichismo pelo material fecal de sua esposa, Nora, pedindo-lhe também para que o perseguisse e o açoitasse com um chicote.

No texto citado, Maleval retoma um caso clínico que foi amplamente estudado por psiquiatras franceses na década de sessenta: o caso do Sr. M. Este foi reiteradamente tratado como um caso de perversão no qual um "masoquismo atípico" tomava a cena. Sr. M. foi acompanhado durante

vários anos pelo psiquiatra Michel de M'Uzan, profissional que o recebeu a partir do encaminhamento de um radiologista.

O paciente já tinha sessenta e cinco anos quando de sua primeira consulta e exibia inúmeras tatuagens, marcas e cicatrizes por todo o seu corpo. Sr. M. relata ao médico uma série de práticas mutilatórias nas quais se envolvia, discorrendo minuciosamente sobre episódios em que marcava a sua pele com ferro quente, e também sobre práticas de sodomia que ocorriam enquanto era suspenso por meio de correntes e argolas que perfuravam as suas costas. Em tais práticas, Sr. M. chegou a arrancar o seu mamilo esquerdo e um dos dedos de seu pé, a perfurar a sua glândula com uma argola de larga espessura e também a deixar várias agulhas instaladas dentro de sua pele. O paciente também se envolvia em práticas sexuais nas quais era humilhado e ferido das mais diversas formas, demonstrando uma resistência extrema às sevícias sofridas. Ele também relatou a ingestão de fezes e urina durante vários anos.

A partir de uma minuciosa construção do caso clínico, Maleval busca desconstruir o diagnóstico de perverso-masoquista atribuído ao Sr. M. Para isso, o autor realiza articulações teóricas relativas à identificação do paciente com o objeto *a* e distinções entre o fantasma perverso e a fantasia do sujeito psicótico. No entanto, um ponto será destacado do artigo de Maleval para aqui ser elucidado: o uso de suplências perversas na psicose.

É curioso observar que o psicanalista francês chega a dizer que existiria certa "convivência da estrutura psicótica com atos sadomasoquistas extremos" (Maleval, 1995, p. 11). Ele complementa dizendo que: "A observação do Sr. M. me parece que tem o mérito de estabelecer a existência de defesas perversas que permitem a sujeitos psicóticos se enfrentarem com o desejo do Outro sem que isso ocasione o marasmo da psicose declarada" (Maleval, 1995, p. 11). Com esse breve preâmbulo, passemos enfim ao texto em si, para, em seguida, determo-nos nos pontos teóricos mais relevantes e articulá-los propriamente ao problema representado pela psicopatia.

Suplência perversa em um sujeito psicótico: uma discussão diagnóstica

Maleval, a partir do caso clínico citado, busca demonstrar a presença de uma relação bastante particular com o corpo exibido pelo Sr. M. (e também em outros indivíduos psicóticos), relação que parece sinalizar uma falha imaginária na qual o corpo se desprende, deixa-se cair. O psicanalista discorre que, quando há essa falha e o indivíduo psicótico não é capaz de fazer uso de uma suplência, seu corpo tende a cair ao estatuto de dejetivo, ou melhor, ao de objeto. Essa falha no imaginário se equivale, como nos revela Maleval, a uma tessitura precária do casulo narcísico, não sendo possível, como consequência, uma representação plena e integrada do corpo. O autor complementa dizendo que quando o corpo é apenas objeto, surgem sentimentos de horror e angústia, o que é ilustrado com perfeição pelo modo como Artaud falava de seu corpo, denominando-o de "carne sangrante". Ademais, Maleval nos revela que o mal-estar que sentimos diante do corpo autodegradado de um paciente já é por si só um índice diagnóstico, sendo um importante sinal para que o psicanalista fique atento quanto à possibilidade de um quadro psicótico.

Maleval nos mostra, a partir do caso M., as consequências do não esvaziamento do gozo no corpo, não ocorrendo, portanto, o deslocamento do gozo para fora do corpo por intermédio da regulação da função fálica. Esta, grosso modo, pode ser compreendida como uma regulação propiciada pela incidência da metáfora paterna, agindo de modo a localizar e limitar o gozo para fora do corpo. A função fálica orienta o sujeito em relação à escolha dos sexos e em relação ao seu desejo. Maleval, durante toda a exposição do caso, é veemente e até mesmo repetitivo no sentido de demonstrar ao leitor que manifestações consideradas classicamente perversas podem ser, na verdade, fenômenos psicóticos.

O psicanalista demonstra que o Sr. M., diferentemente de indivíduos perversos, não possui um imaginário estofado de fantasias, pelo contrário, nele se observa uma profunda aridez fantasmática. Maleval nos diz que muitas das modificações corporais realizadas pelo paciente não foram fruto de uma invenção que lhe foi própria, uma vez que o Sr. M. pesquisava de modo contumaz sevícias e torturas realizadas em diferentes contextos e momentos históricos, principalmente aquelas perpetradas no período da Inquisição. O paciente, portanto, não tinha um campo fantasmático floreado e sim escasso em elaborações, fato que novamente sinaliza a falha no registro imaginário do Sr. M. Neste não havia a teatralização fantasmática, movimento tão caro aos perversos. Elas eram simplesmente atuadas, sem qualquer floreio, contextualização ou cenário. No caso do Sr. M., observa-se, como destaca Maleval, a existência do ato puro: "É notável que aquilo que no perverso é simulacro de castração, no Sr. M. advém a mutilação real" (Maleval, 1995, p. 4).

Maleval nos diz que as mutilações nos perversos são raras, diferentemente do que se observa na clínica das psicoses. O autor sinaliza que muitos indivíduos psicóticos chegam a arrancar seus próprios membros, havendo tal manifestação no caso aqui exposto. O Sr. M. não só arrancou o seu mamilo direito e o dedo mindinho de seu pé, como também efetuava alargamentos em seus orifícios, chegando a alargar o seu ânus com o intuito de que ele se assemelhasse a uma vagina. Nas suas relações sexuais, tendia a assumir uma posição de submissão, pedindo para seus parceiros que o tratassem como uma "rameira" (Maleval, 1995, p. 4). Embora o psiquiatra que o atendeu acreditasse que essa manifestação marcava a existência de um masoquismo perverso, Maleval a concebe de outra maneira, alegando que ela pode ser compreendida a partir do conceito de empuxo à mulher. Este pode ser concebido como uma tendência à feminização em indivíduos psicóticos. Tal empuxo não deve ser confundido com a inscrição da subjetivação feminina na partilha dos sexos, mas sim como uma crença, de cunho delirante, do indivíduo estar se tornando uma mulher ou de estar à mercê de um Outro que goza de seu corpo em uma posição feminina. O empuxo à mulher também pode se manifestar quando um psicótico é chamado a responder a partir de uma posição feminina ou masculina, chamada que engendra um impasse que pode ter consequências desestabilizadoras na clínica das psicoses. No caso em questão, há uma forte observância do empuxo à mulher, principalmente no fato de o paciente se colocar em uma posição de objeto para o gozo ilimitado do Outro, chegando a se feminilizar a partir de intervenções reais em seu corpo.

Sr. M. foi casado com uma mulher durante oito anos. Ele dizia ao seu psiquiatra que mantinha com sua esposa uma relação perfeita e cheia de afeto. O casal estabelecia uma parceria na qual, como já foi dito, o paciente gozava na posição masoquista. Contudo, o casal, com frequência, incorporava terceiros à sua relação, sendo o convidado o escolhido para perpetrar as sevícias e torturas no casal. O autor alega que parcerias de tal sorte, ou seja, nas quais há uma adequação a uma degradação comum aos protagonistas, podem ser verificadas com frequência em psicóticos sádicos. Após vários anos de matrimônio, a esposa do Sr. M. morre prematuramente (aos 23 anos de idade) em decorrência de uma pneumonia, infecção que, de acordo com os médicos que a atenderam, foi provavelmente contraída em função dos maus-tratos por ela realizados em relação ao seu corpo. No tocante à esposa do paciente, Maleval diz:

El funcionamiento perverso de esta mujer que hace primar la puesta en acto sobre la puesta en escena, da cuenta de una carencia de lo imaginario, similar a la de su marido. En la encarnación del objeto *a*, en los límites de una posición melancólica, ella fue más lejos que su marido, hasta una muerte prematura, a la que los malos tratos seguramente no han sido ajenos. Cuando el sujeto, por su estructura, es llevado a liberarse del semblante, se ve conducido a desnudar lo que hay de su ser "que viene a tomar su lugar entre los desechos donde sus primeros retozos encontraron su cortejo, por cuanto la ley de la simbolización en la que debe entrar su deseo lo prende en su red por la posición de objeto parcial en la que se ofrece al llegar al mundo, a un mundo donde el deseo del Otro hace la ley"⁴. Esta relación "articulada claramente por Schreber", constata Lacan, no aparece menos discernible en el funcionamiento del Sr. M. y de su mujer. (Maleval, 1995, p. 5)

É possível observar, portanto, que quando o sadomasoquismo se engancha à aridez da fantasia psicótica, não é incomum que os parceiros que o vivenciam cheguem às paragens do aniquilamento real de si próprios. Maleval nos diz que esse aniquilamento tem o estatuto de "um ato sagrado" (Maleval, 1995, p. 6) e se manifesta com relativa frequência em crimes de cunho sádico.

Em relação às sevícias sofridas pelo Sr. M., este revelava um grande regozijo em dizer que os sádicos com os quais se encontrava, amiúde, retrocediam, não demonstrando coragem para realizar as torturas requisitadas pelo paciente. Este gozava com o fato de se considerar o único a aturar maus-tratos tão penosos, colocando-se em uma posição de exceção. Tal posição em muito se assemelha à posição assumida pelos psicóticos em suas construções delirantes, uma vez que, por meio delas, se sentem um "caso único" (Maleval, 1995, p. 7).

Ademais, há um episódio bastante interessante no caso do Sr. M., episódio que nos interessa em especial, uma vez que diz respeito a um suposto homicídio cometido pelo paciente. Este relata que, certa noite, teria sido vítima de um ladrão ao caminhar pelas ruas. O Sr. M. revela tê-lo atacado, estrangulado e deixado-o moribundo ao fugir. Na manhã seguinte, o paciente conta que leu em um

jornal que um homem foi encontrado morto com uma fratura na laringe, o que leva o paciente a crer que ele foi o responsável por aquela morte, considerada um mistério para os policiais.

Tal episódio nos parece importante, pois coloca em cena um elemento comumente articulado à psicopatia, ou seja, a criminalidade. Embora existam indícios de que o Sr. M. tenha matado um homem, isso não pode ser encarado imediatamente como um critério para classificá-lo como um perverso sádico ou como um psicopata. Não seria impróprio dizer que o intuito de Maleval em retomar esse episódio pode ser compreendido pelo fato dele ambicionar demonstrar que muitos psicóticos podem parecer psicopatas ou perversos, mas não o são. É preciso ir além do fenômeno e observar a amplitude do contexto clínico em questão, não nos deixando cegar pelo fenômeno por si só. A morte do agressor traz a marca de uma passagem ao ato, uma vez que o Sr. M. parece sair de cena, não se recordando do que havia feito na noite anterior. A violência com que ataca o agressor não foi premeditada, tampouco calculada, como poderia ser no caso de um *acting out*, no qual há uma mensagem embutida no ato e um destinatário para o qual ela é direcionada. Diferentemente da passagem ao ato, no *acting out*, portanto, há um sujeito que permanece presente na cena da atuação. A agressão perpetrada pelo Sr. M., por sua vez, revela a irrupção de um ato puro no qual o sujeito sai de cena, deixando lugar para o advir do objeto, movimento que marca a presença de uma passagem ao ato.

Um dos pontos que Maleval procura enfatizar em sua exposição diz respeito à estranheza que o Sr. M. exibia em relação ao seu corpo. Tal fato, associado à sua carência imaginativa, constituiu-se como um indício de que o elemento imaginário se desprende e que o uso de fantasias com um colorido perverso parece ser usado para lhe possibilitar uma forma de estabilização. Maleval nos mostra que a humilhação a que o Sr. M. se sujeita, bem como a sua degradação completa ao estatuto de resto (“fecalização de si mesmo”) é velada por um uso fantasmático particular no qual a matiz perversa faz parecer que o sujeito é detentor de uma onipotência sem medida⁵.

Maleval, ainda com o intuito de criticar o diagnóstico de uma perversão masoquista dado pelo psiquiatra do Sr. M., segue dizendo a respeito da dificuldade que o paciente tinha para discernir o que era masculino e feminino. O mesmo compreendia a paternidade e a filiação de um modo bastante bizarro, sendo capaz apenas de elaborar que seu pai era um masoquista. Ademais, o paciente não conseguia distinguir bem as pessoas, chegando a não saber se determinados indivíduos de seu convívio eram homens ou mulheres.

O autor incrementa a sua crítica em relação ao diagnóstico de perversão ao dizer que as práticas masoquistas perpetradas pelo Sr. M. cessaram à medida que foi envelhecendo. Maleval defende que a dissipação das mesmas apenas revela a precariedade de seu mundo fantasmático, fragilidade que apenas sublinha a inexistência de uma fantasia fundamental sobre a qual o paciente pudesse se apoiar e se nortear, fato que só fortalece a sua certeza de se tratar de um caso de psicose.

Por fim, Maleval se questiona sobre o que teria feito o Sr. M. se estabilizar após ter abdicado de suas práticas masoquistas. De acordo com os relatos de seus psiquiatras, o paciente viveu os

últimos anos de sua vida em um chalé nas proximidades de Paris, levando “uma existência conformista e tranquila” com sua filha adotiva, com o marido desta e com os filhos do casal. Conforme revela a documentação a respeito do caso, o elemento mais interessante em relação a esse período da vida do paciente diz respeito ao fato de que o Sr. M. possuía uma grande complacência em exhibir o seu corpo e também em testemunhar aos seus psiquiatras as práticas perversas às quais se submetia. O paciente possuía um prazer especial em mostrar as suas tatuagens, particularmente aquilo que havia escrito em sua pele (normalmente escritas depreciativas e palavras de baixo calão). Maleval assinala que a maioria das tatuagens do paciente o “feminilizam e o fecalizam”. No entanto, para além dessas significações, elas têm a função de trazer a marca da virilidade para o Sr. M., uma vez que, ao falar sobre elas, alegava que muitos lhe haviam dito que nunca tinham visto ou ouvido falar de uma pessoa mais resistente à dor do que ele.

Maleval finalmente conclui que a trama das letras escritas em sua carne eterniza a sua atitude masoquista frente ao Outro, não sendo necessário, portanto, o recurso contínuo da prática perversa. Dessa maneira, Maleval compreende que as inúmeras marcas cravadas no corpo do Sr. M. tornam permanente a sua condição de humilhação frente ao Outro; ou seja, elas já o lançavam à posição de objeto, típica da psicose. Nesse caso, novamente, Maleval enxerga para além do fenômeno em si, não compreendendo tal atitude como um exibicionismo perverso, tal como os psiquiatras do Sr. M. o fizeram. O psicanalista, por sua vez, concebe a mostração da humilhação marcada na pele do sujeito como uma falha no “processo de alienação-separação”. Desse modo, uma das principais funções da exibição de seu corpo reside na busca pela confirmação de sua identificação fálica, fato que obriga o paciente a solicitar a aprovação do Outro. Desse modo, sua atitude masoquista não deixa de sustentar um paroxismo de sua degradação como objeto.

Além disso, no campo imaginário, para paliar a dificuldade que exhibia em fazer identificações egóicas, o Sr. M. parece ter estado sempre em busca de “identificações conformistas”, muito embora não tenha sido muito bem-sucedido em alcançá-las.

Búsqueda de identificaciones conformistas, tentativas de inscribir el rasgo unario en el cuerpo, exhibicionismo ante los médicos, y magnificación de su degradación objetual parecen haberse conjugado para estabilizar al sujeto. Las prácticas masoquistas no constituían ciertamente la única defensa de la que disponía. (Maleval, 1995, pp. 9-10)

Tais identificações, não raro bastante estereotipadas, possibilitavam ao paciente outra forma de defesa que abria mão das práticas masoquistas, fato que lhe permitia certo grau de estabilização sem que ele fizesse uso das sevícias terrificantes já descritas.

Para além do Sr. M.: uma seara árida em pesquisas

Maleval, ao se aproximar da conclusão de seu trabalho, nos diz que, embora elaborações psicanalíticas que contemplem modalidades perversas da sorte do Sr. M. sejam escassas, são muitos os indivíduos que fazem uso de tais práticas. O psicanalista chega a fazer uma afirmação que nos parece preciosa, qual seja, a de que haveria uma: "convivência da psicose com atos sadomasoquistas extremos" (Maleval, 1995, p. 13). Para enfatizar essa hipótese, Maleval relembra o caso de um dos primeiros assassinos em série estudados: Albert Fish (1870-1936). Este se tornou famoso na literatura criminológica pelos seus assassinatos de crianças (foi indiciado pelo homicídio de cinco crianças, embora existam suspeitas de que ele tenha matado aproximadamente cem delas), e pelas suas práticas pedófilas e canibais. O seu canibalismo foi um dos elementos mais chocantes em suas atuações, principalmente pelo fato de Fish ter enviado uma carta⁷ com um conteúdo terrificante para a família de uma menina de oito anos, Grace Budd, que ele matou e, em seguida, comeu partes de seu cadáver. A carta foi enviada aos pais de Grace na época em que eles ainda a procuravam, pois não sabiam se ela estava apenas perdida ou se algo pior havia lhe ocorrido. A carta foi um importante elemento para incriminá-lo e para levá-lo à pena de morte. Fish foi condenado por matar Grace Budd, vítima que, tal como nos mostra a carta, teve seu cadáver canibalizado por ele durante nove dias, que chegou a experimentar vários pratos com os restos mortais da menina. Além disso, Fish mantinha práticas masoquistas nas quais inseria inúmeras agulhas em seu próprio corpo, principalmente na região pélvica. As agulhas eram inseridas com tamanha profundidade, que se tornaram impossíveis de retirar, a não ser por intermédio de procedimentos cirúrgicos. Quando foi pego, efetuou-se uma radiografia de sua pélvis e os médicos ficaram chocados com o que encontraram: Fish, à época, com aproximadamente setenta anos, tinha 27 agulhas inseridas na sua pélvis.

Observa-se, portanto, práticas bastante semelhantes às observadas no caso do Sr. M., práticas que, tal como já foi dito, são comumente tratadas como pertencentes a um quadro perverso. Insta salientar que Albert Fish é considerado um dos primeiros *serial killers*, sendo sempre citado em estudos a respeito do tema. Não podemos esquecer que os *serial killers* são comumente tratados como os grandes avatares do Transtorno de Personalidade Antissocial, sendo considerados invariavelmente como psicopatas. É fundamental, portanto, que fique claro que a alcunha de *serial killer* não se equivale a de psicopata, sendo necessário um esforço clínico bastante prudente para não nos cegarmos às inúmeras possibilidades diagnósticas que subjazem ao fenômeno dos assassinos seriais.

Um indivíduo que mata várias pessoas não pode ser considerado um psicopata só por esse índice, tampouco pode ser considerado um psicótico como o Sr. M. e Albert Fish. É imprescindível a compreensão de que, por trás do véu estigmatizante da psicopatia, podem existir os mais diversos diagnósticos e, acima de tudo, os mais distintos sujeitos com os mais variados modos de gozo. Um psicopata pode ser um neurótico, um psicótico e também um perverso: ou seja, não há uma equivalência estanque e engessada em um rótulo diagnóstico.

A fim de encerrar a retomada do texto aqui discutido, Maleval, próximo ao fim de sua elaboração, faz uma afirmação que pode parecer destoante, ou melhor, pouco acurada em relação ao seu texto, principalmente quando pensamos no título do trabalho no qual há uma referência direta ao uso de suplências perversas. O autor diz:

No obstante, es importante señalar que tanto en uno como en otro [tanto em relação ao Sr. M. como em relação ao Albert Fish] se asocian a trastornos psicóticos manifiestos: es evidente que no forman parte de una suplencia. En ellos, la introducción de agujas y de diversos objetos en el cuerpo es correlativo a las prácticas masturbatorias: éstas no necesitan la presencia de un partenaire, en lo cual se discierne la ausencia de un escenario regulado por el fantasma perverso. Entonces esos sujetos se encuentran confrontados sin mediación al deseo del Otro y a sus exigencias sacrificiales. (Maleval, 1995, p. 12)

Após a leitura do texto de Maleval, não seria inoportuna uma dúvida por parte do leitor no seguinte sentido: por que, após estar explícito no título do texto a questão referente ao uso de suplências perversas na psicose, o autor diz que os dois casos por ele retomados não são exemplos de suplências? Maleval diz no excerto acima que não são suplências, mas transtornos psicóticos manifiestos, ou seja, não são psicoses não desencadeadas que fazem uso de um *sinthoma* como suplência. Acreditamos, portanto, que a compreensão de Maleval acerca da suplência se assenta em um referencial teórico específico: o da pluralização dos Nomes-do-Pai, e não o da clínica originada do *Seminário 3*, que privilegiava a metáfora delirante e a compensação imaginária como recursos suplenciais. O ponto de vista da pluralização dos Nomes-do-Pai permite pensar o *sinthoma* como a forma privilegiada de suplência, ou seja, como um recurso que vem reparar um erro, um lapso do nó entre real, simbólico e imaginário, o que não ocorre nos casos em questão.

Entrar no âmbito da clínica borromeana, do *sinthoma*, da pluralização dos Nomes-do-Pai e da *lalíngua* exigiria uma extensa retomada, o que não nos é possível no momento. Por ora, nos parece suficiente demarcar que os casos trabalhados por Maleval dizem respeito a psicoses manifestas que tentam se estabilizar pelo ato, por meio de identificações conformistas e também por intermédio de um modo de gozo⁷, não havendo, de fato, a construção de um *sinthoma*. Ademais, o que buscamos sublinhar neste artigo diz respeito ao fato de que existe em certas configurações psicóticas uma “convivência com atos sadomasoquistas extremos”, o que, não raro, engendra diagnósticos equivocados, como o de psicopatia.

Notas:

¹ Esse tema está sendo estudado na tese de doutoramento a ser desenvolvido pela autora no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos. Esta pesquisa é financiada pela CAPES.

² Gilles de Rais, também conhecido como Barba-Azul, foi um nobre francês que se tornou notório por ter matado cerca de oitocentas crianças. Barba-Azul, além de estuprar grande parte delas,

regozijava-se ao abrir os seus ventres e ao observar suas entranhas, chegando a manter relações sexuais com os cadáveres de suas vítimas. Quando questionado acerca das razões que o impulsionavam, o marechal dizia que o fazia pelo seu deleite e que nada lhe era mais satisfatório do que ver a vida se esvaindo rumo à morte.

³ Landru teria matado onze vítimas, dez delas mulheres das quais se aproximava para praticar extorsões e, em seguida, matá-las.

⁴ Maleval cita Lacan, em seu artigo "De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis" (1955-1956), publicado em seus *Escritos* (pp. 563-564). Buenos Aires: Siglo Veintiuno.

⁵ Maleval faz elaborações preciosas a respeito do uso da fantasia na psicose em um texto intitulado "Sobre a fantasia na psicose: de sua carência e seus substitutos" (2009). Por meio deste, o autor demonstra que o sadismo na psicose seria uma espécie de engodo, uma vez que o psicótico, ao agredir o outro, está, de fato, em uma relação especular na qual ele está identificado com o outro, mais precisamente identificado com o outro enquanto objeto. Há, portanto, uma inversão que revela um modo bastante particular de gozo.

⁶ A carta escrita por Albert Fish tornou-se célebre e pode ser encontrada em vários sites da internet. A seguir, a carta, tal como foi enviada, para a família de Grace Budd:

Dear Mrs. Budd. In 1894 a friend of mine shipped as a deck hand on the Steamer Tacoma, Capt. John Davis. They sailed from San Francisco for Hong Kong, China. On arriving there he and two others went ashore and got drunk. When they returned the boat was gone. At that time there was famine in China. Meat of any kind was from \$1-3 per pound. So great was the suffering among the very poor that all children under 12 were sold for food in order to keep others from starving. A boy or girl under 14 was not safe in the street. You could go in any shop and ask for steak—chops—or stew meat. Part of the naked body of a boy or girl would be brought out and just what you wanted cut from it. A boy or girl's behind which is the sweetest part of the body and sold as veal cutlet brought the highest price. John staid there so long he acquired a taste for human flesh. On his return to N.Y. he stole two boys, one 7 and one 11. Took them to his home stripped them naked tied them in a closet. Then burned everything they had on. Several times every day and night he spanked them – tortured them – to make their meat good and tender. First he killed the 11 year old boy, because he had the fattest ass and of course the most meat on it. Every part of his body was cooked and eaten except the head—bones and guts. He was roasted in the oven (all of his ass), boiled, broiled, fried and stewed. The little boy was next, went the same way. At that time, I was living at 409 E 100 St. near—right side. He told me so often how good human flesh was I made up my mind to taste it. On Sunday June the 3, 1928 I called on you at 406 W 15 St. Brought you pot cheese—strawberries. We had lunch. Grace sat in my lap and kissed me. I made up my mind to eat her. On the pretense of taking her to a party. You said yes she could go. I took her to an empty house in Westchester I had already picked out. When we got there, I told her to remain outside. She picked wildflowers. I went upstairs and stripped all my clothes off. I knew if I did not I would get her blood on them. When all was ready I went to the window and called her. Then I hid in a closet until she was in the room. When she saw me all naked she began to cry and tried to run down the stairs. I grabbed her and she said she would tell her mamma. First I stripped her naked. How she did kick – bite and scratch. I choked her to death, then cut her in small pieces so I could take my meat to my rooms. Cook and eat it. How sweet and tender her little ass was roasted in the oven. It took me 9 days to eat her entire body. I did not fuck her tho I could of had I wished. She died a virgin.

⁷ De acordo com Franck Rollier, em seu artigo intitulado "Le concept de suppléance" (2005), haveria a chamada "estabilização por um modo de gozo". Para o autor, a estabilização por um modo de gozo ocorreria por meio de uma prática perversa ou pela inscrição corporal de um fenômeno psicossomático, bem como pela toxicomania ou pelo alcoolismo (Guerra, 2007).

Referências bibliográficas

APA - American Psychiatric Association. (2002). *Manual diagnóstico estatístico de transtornos mentais – DSM-IV*. Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1995).

- Brémaud, N. (2007). Les crimes de Gilles de rais. *Le sadisme dans la psychose. L'en-je lacanien*, 1(8), 53-71. Recuperado de 10.3917/enje.008.0053.
- Chai, F. B. (2007). *Le cas Landru à la lumière de la psychanalyse*. Paris: Imago.
- Guerra, A. M. C. (2007). Sujeito e invenção: a topologia borromeana na clínica das psicoses. *Revista Ágora*, 11(2). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982008000200008>.
- Lacan, J. (1995). **O seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1985). **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2007). **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1975-1976).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Maleval, J.-C. (2010). Suplência perversa en un sujeto psicótico. *La actualidad del sintoma*. Montivideo: Psicolibros Waslala (Trabalho original publicado em 1995).
- Maleval, J.-C. (2009). Sobre a fantasia no sujeito psicótico: de sua carência e seus substitutos. *A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Garamond.
- Rollier, F. (fev. 2005). Le concept du suppléance. *Les Cahiers Cliniques de Nice*, 4, 177-190. Nice: ECF.
- Santos, M. J. M. (2013). *Sob o véu da psicopatia...* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais.

Citação/citation: Santos, M. J. M. (nov. 2013 a abr. 2014). A suplência perversa em sujeitos psicóticos como uma possível chave de leitura da psicopatia. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(17), 67-79. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v9n17p67-79.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/06/2013 / 06/10/2013.

Aceito/Accepted: 17/09/2013 / 09/17/2013.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.